

Tempos atrás, num desses discursos de paraninfo ou de inaugurador de obras incompletas, o sr. Juscelino Kubitschek explicou que a favela, ou "cidade livre", que existe ao lado de Brasília, é provisória, e que será destruída por um fogo purificador "logo que Brasília esteja terminado". Ora, eu pergunto ao leitor se acaso sabe quando é que uma cidade fica terminada. Paris está terminada? Londres já recebeu sua última demão? Nova Iorque terá sido declarada completa? Bem sei que nem tudo o que se diz em discurso vale, e sobretudo quer dizer o que dizem as palavras. Pode ser que o Presidente tenha querido dizer que a cidade livre será destruída logo que tenha diminuído a velocidade de construção, e que Brasília tenha chegado à assintota de seu desenvolvimento. Mas então, meus caros amigos podem descansar os paus de arara de Brasília, que têm casa por mais de um século. Admitindo com muito otimismo que a mudança da capital seja feita em 1960, com um mínimo de funcionários, é evidente que o gráfico de construção da cidade terá de continuar com a mesma inclinação, com o mesmo acréscimo de casas por ano, durante muito tempo; e é evidente que tal regime de trabalho não poderá dispensar o ponto de apoio dado pela "cidade livre". Não fôsse o jôgo e o tráfego de prontitutas, eu diria que a "cidade livre" é a única coisa natural, razoável e saudável do planalto. Mas nem isto posso dizer.

Aliás, por falar em mudança da capital, quero lembrar que meses atrás lancei um desafio e não me apareceu nenhum valiente da NOVACAP para desagrar a ofensa feita à sua Dama. Torno a desafiar quem queira comigo apostar que fica mudada a capital em abril do ano que vem. Eu aposto que não fica, se por mudança de capital se entende a versão oficial, isto é, a instalação de 20.000 funcionários, o funcionamento do Congresso e do Supremo Tribunal. Já não faço questão, por exemplo, do esgoto e da energia elétrica, que ainda não foram sequer começados. Os funcionários e congressistas tratam de se acomodar a essa dupla privação, ou procuram uma proveitosa combinação. Não havendo luz na cidade, todo o mundo fica à vontade, a noite, para resolver o problema do esgoto, desde que se habitue ao ciclo.

Encontrei outro dia o primeiro deputado eleito que me falou em Brasília como quem fala numa inevitável fatalidade. Até então não ouvira ninguém se amofinar com a idéia de ter de ir para Brasília. O deputado em questão dizia-me que tentaria ir sozinho primeiro, para ver como era, e que renunciaria se não pudesse habituar-se. Serão poucos os que renunciarão: a maioria terá um pé em Brasília e outro no Rio, e tomara que seja somente o pé. O que vai acontecer é fácil de prever: teremos durante longos anos dois congressos, um lá e outro cá, duas presidências, dois Supremos, duas capitais em suma. O Brasil vai realizar aquela experiência que Chesterton tão bem descreveu no seu conto para crianças intitulado: Desvantagem de ter duas cabeças. No caso, ter duas é o mesmo que não ter nenhuma; e da desvantagem de não ter cabeça pode-se dizer, a rigor, que o Brasil já está habituado.

Anunciavam as fôlhas, na semana passada, que Brasília vai ter telefones ultra-modernos de fabricação sueca (Erickson) e que já estão providenciando a instalação de cinco mil dessas preciosidades. Gostariamos de saber quanto vai custar a rede urbana de telefones em Brasília, e quanto vão cobrar do assinante. Na parte interurbana, por enquanto, não há nada encaminhado e fique desde já sabendo o funcionário escalado para o grande destêrro, que não poderá contar tão cedo com ligações telefônicas. Vão fazer uma tapeação com um transmissor de rádio, uma espécie de instalação de amador, que permitirá, quatro canais telefônicos no máximo. Salta aos olhos que com tão diminuto número de canais o telefone interurbano estará todo o tempo ocupado pela família do Presidente da República.

A idéia de aconselhar os russos a diminuir a óbrida armamentista, num discurso paraninfo, não lembraria a ninguém. Lembrou ao dr. Juscelino Kubitschek, que continua a se apresentar como uma espécie de universo em expansão. No outro discurso que fez no princípio do ano, ele disse que não tinha vocação para coisas pequenas, e deve ser por isso que anda de helicóptero a fiscalizar as obras da SURSAN. Estou para escrever um artigo provando o contrário, isto é, provando que justamente o que falta neste Presidente é um mínimo de grandeza, de magnanimidade e de visão. Ele vive num "pequeno mundo" de compadres e comadres, e como viaja muito, e com grande velocidade, pensa que dilata assim o espírito. Mas não dilata coisa nenhuma: o pequeno mundo de idéias fixas, como Brasília, que não tem grandeza nenhuma, a não ser a do buraco que faz no orçamento, o pequeno jôgo das inaugurações, o mecano das metas, tudo isto pode ser visto como um gigantismo glandular, mas nunca como uma grandeza de dimensões humanas. Grandeza é outra coisa, magnanimidade é outra coisa, visão dilatada é

outra coisa infinitamente diversa dessa conversinha de compadres da mesma terra, da mesma província em torno dos mesmos bons negócios. O que atralha mais o dr. Juscelino Kubitschek é justamente a pequenez do ambiente em que se move, é justamente a pequenez do mundosinho em que vive. O fato cêsse mundosinho andar a não sei quantos quilômetros por segundo não lhe aumenta o diâmetro.

A idéia de pôr a culpa da inflação no nordeste foi a melhor piada que o amigo da onça soprou ao sr. Presidente da República. Realmente é difícil achar uma outra explicação mais saborosa, mais picante do que essa que saiu num discurso. No fim, se você duvidar, a culpa é das crianças que morrem lá na sinistra hospedaria do Ceará. Quem mandou elas nascerem num governo que está assoberbado com a construção de uma pirâmide?

O sr. Juscelino esqueceu-se no discurso, que já governa o Brasil há trinta anos, e que portanto teve tempo de sobra para corrigir os defeitos do nordeste.